



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

SABERES CULTURAIS DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA DE COMUNIDADES DAS ILHAS DE ABAETETUBA-PA¹

Autora: Maria Valdeli Matias Batista

val-projovem@hotmail.com

Mestra em Educação

UEPA

Orientador: José Anchieta de Oliveira Bentes

anchieta2005@yahoo.com.br

Doutor em Educação Especial

PPGED-UEPA

Co-autora: Maria Helena Ferreira Matias

mhfmatias@hotmail.com

Pós graduada em Pedagogia

UEPA

RESUMO

Nas comunidades das ilhas de Abaetetuba percebe-se uma variedade de saberes culturais, os quais são adquiridos pelos grupos sociais, dentre eles, os jovens e adultos com deficiência. Muitas são as formas de apreensão desses saberes. Buscando compreender essa realidade, este trabalho tem por objetivo analisar e descrever os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas do município de Abaetetuba, visando conhecer como se dá o processo de aprendizagem desses saberes. Trata-se de uma pesquisa de campo e participante, com aproximações etnográficas, dentro de uma abordagem qualitativa. Para coletar os dados utilizou-se as entrevistas semiestruturadas, por meio das narrativas etnográficas. A análise dos dados teve como teórico de base o antropólogo britânico Tim Ingold, além de outros autores como Brandão, Oliveira, Freire e Bardin. Foram analisados os saberes culturais de oito sujeitos jovens e adultos com deficiência, sendo dois sujeitos com deficiência visual, dois com deficiência intelectual, um jovem com Síndrome de Down; duas jovens com deficiência física e um senhor com deficiência Múltipla. Em relação ao *Locus*, o estudo contemplou quatro comunidades das ilhas de Abaetetuba, a saber: São Raimundo no rio Sapucajuba, Menino Deus, no rio Urucuri, Santa Maria no rio Prainha e a comunidade do rio Marinquara. A partir das questões norteadoras que visaram problematizar sobre as práticas de aprendizagem que representam os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência, demonstrando como esses saberes são aprendidos por essas pessoas, referendou-se três categorias de análise para embasar os resultados encontrados, sendo elas: “aprendi na prática, só olhando”; “foi ele/ela que me ensinou”; “foi um dom deixado por Deus”. Constatou-se por meio dos resultados obtidos que os jovens e adultos com deficiência são conhecedores de vários saberes. Foram analisados vinte e seis tipos de saberes e destes prevaleceram os que auxiliam na vida cotidiana e a categoria “foi ele/ela que me ensinou” destacou-se como a forma de aprendizagem mais usual entre os informantes. As reflexões acerca dessas problemáticas são de grande relevância e poderão contribuir para a compreensão de que os jovens e adultos que residem nas ilhas, independente da deficiência que apresentam, são capazes de aprender muitos saberes e das mais variadas formas.

Palavras-chave: Saberes Culturais. Jovens e Adultos. Comunidades das ilhas. Pessoa com deficiência.

1 Introdução

¹Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará.



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

As vivências e convivências com realidades adversas que envolvem seres humanos em situação de vulnerabilidade social são fatores que possibilitam compreender contextos que revelam a falta de humanização, a negação de direitos humanos, a incoerência entre o que determinam as leis universais sobre esses direitos e os tipos de políticas públicas implementadas e aplicadas no Brasil, a exclusão de pessoas que não se enquadram nos moldes sociais de normalidade, entre outras.

Por outro lado, essas mesmas situações que denunciam esses problemas sociais, também são reveladoras de potencialidades, habilidades, talentos, possibilidades de autoafirmação pessoal e profissional e de saberes culturais que são aprendidos de várias formas, por pessoas rotuladas historicamente porque deixaram, por algum motivo, de concluir seus estudos na faixa etária considerada normal pelo sistema educacional, como é o caso dos jovens e adultos, pessoas que moram nas ilhas, logo apresentam uma cultura pouco aceitável pelas regras convencionais da sociedade e também as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência.

E o que dizer de pessoas que carregam consigo, desde que nasceram, essas três realidades humanas ao mesmo tempo? – ‘jovens e adultos não escolarizados’, ‘são nativos de ilhas ribeirinhas’, ‘apresentam deficiência’. Não esquecendo ou ignorando outros grupos como os negros, os índios, as mulheres, os homossexuais, que também são marginalizados socialmente e têm seus direitos minimizados, mas neste estudo, detenho-me nessa clientela específica porque pretendo tornar conhecida essa realidade de pessoas tão sofridas por causa dos rótulos sociais que recebem, são esquecidas pelo poder público, são ignoradas pela escola, e, às vezes, pela própria família.

Essas pessoas demonstraram que, mesmo tendo em suas marcas identitárias, rotulações vistas como entraves pela sociedade, propiciando a discriminação, a negação, a injustiça, a exclusão social e a inferiorização humana, devido a essas realidades com as quais convivem, estão em busca de cidadania, querem ter o direito de aprender, de progredir, de ter uma profissão digna, pois são jovens e adultos que querem viver com dignidade, que tem perspectivas de futuro, que querem ser incluídos como cidadãos de fato e de direito. Nos dizeres de Oliveira (2004, p. 17), “O ser humano como sujeito do conhecimento é capaz de não só aprender o objeto, mas comunicar-se com os outros sujeitos e interferir nos fenômenos”.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas do município de Abaetetuba, visando conhecer como se dá o processo de aprendizagem desses saberes. Participaram da pesquisa oito jovens e adultos que residem nas comunidades das ilhas e que apresentam deficiência. A pesquisa foi realizada no Polo 09, o qual é formado pelas comunidades de São Raimundo do rio Sapucajuba, Menino Deus, do rio Urucuri, Santa Maria do rio Prainha e comunidade do rio Marinquara, as quais fazem parte do município de Abaetetuba/Pa.

No que se refere aos aspectos metodológicos, este estudo se deu por meio de um trabalho de campo e participante, dentro de uma abordagem qualitativa, com aproximações etnográficas, contemplando as narrativas. A coleta dos dados se deu por meio das entrevistas semiestruturadas sendo que a análise desses dados teve como teórico de base o antropólogo britânico Tim Ingold que vem realizando grandes pesquisas no campo dos estudos antropológicos destacando-se, dessa forma, como um importante pensador e de grande reconhecimento nessa área do conhecimento. Além deste, outros autores como Brandão, Oliveira, Freire, Bardin, foram de grande importância e subsidiaram teoricamente o assunto posposto.



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

1. Os Saberes culturais dos jovens e adultos com deficiência, oriundos de comunidades das ilhas e as formas de aprendizagem desses saberes

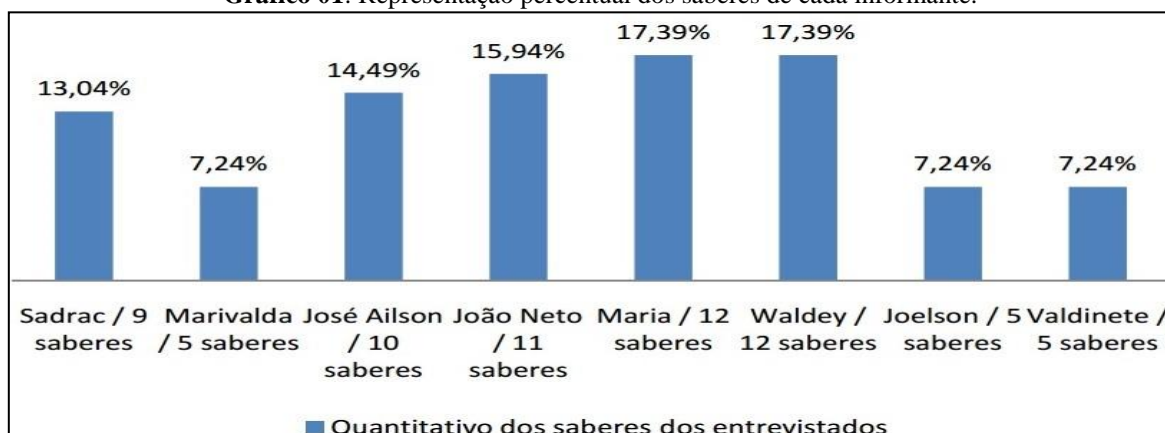
Sabe-se que existem muitas formas de adquirir um saber, um aprendizado e cada pessoa aprende de um jeito, inclusive aquelas que apresentam limitações por terem alguma deficiência que os impossibilite de aprender ou realizar determinada tarefa. Isso porque os saberes são sempre uma forma reveladora de talentos e potencialidades. Entretanto, o que se vê na sociedade, em todas as classes e grupos sociais é a ‘diminuição’ e ‘rotulação’ do ser com deficiência, visto sempre como “pessoas ‘inválidas’, ‘defeituosas’, ‘deficientes’, ‘incapazes’” (Oliveira, 2004, p. 169), sendo que a maioria das pessoas não acredita no potencial aprendente desses indivíduos.

Em meio às possibilidades de apreensão de um saber, neste caso, o não formal, destaca-se a cultura como a alma e o corpo de um povo. Todos nós seres humanos temos cultura, portanto, revitalizá-la significa ‘ressuscitar’ aspectos que caracterizam um povo, seu lugar. Significa ajudá-lo a revelar o seu rosto em toda a sua beleza, com toda sua força e dignidade. Brandão (2002, p. 22), descreve Cultura como “tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de *cultura*”.

Nesse sentido, um dos aspectos a ser pensado é que temos um legado, um passado, uma história que vem sendo transformada e transmitida de geração em geração desde os tempos mais remotos. O que seria dos homens e das mulheres se não fosse suas histórias? Não teríamos passado. Esta é a grande responsável pelo acúmulo de conhecimento do ser humano, seja pelo aspecto informal com bases antropológicas, ou pelo sistematizado pela estruturação educacional.

No decorrer da pesquisa, de acordo com as narrativas dos informantes, constatou-se a ocorrência de vinte e seis tipos de saberes culturais que os jovens e adultos com deficiência das ilhas de Sapucajuba, Marinquara, Urucuri e Prainha possuem. Desse total de saberes apresentados foi possível comparar, por meio dos dados obtidos, as habilidades/potencialidades de cada um dos informantes – ver gráfico 01 – o que revela a capacidade cultural/criadora e criativa de pessoas que tem dificuldades e limitações variadas e são vistas pela sociedade como incapazes de realizar tarefas ou aprender determinados saberes.

Gráfico 01: Representação percentual dos saberes de cada informante.



Fonte: elaboração própria, Outubro de 2016.



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

A partir desses dados apresentados e considerando as formas pelas quais se adquire uma prática de aprendizagem cultural, surgiram as categorias que serviram à análise explicativa dos saberes demonstrados pelos sujeitos. Segundo Bardin (2004), a categorização é uma operação que classifica os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos.

A partir destas assertivas, neste trabalho, três categorias, foram evidenciadas e analisadas: a categoria “aprendi na prática, só olhando”, a categoria “foi ele/a que me ensinou” e a categoria “foi um dom deixado por Deus”. A primeira categoria “aprendi na prática, só olhando” refere-se como um tipo de aprendizado que envolve a observação atenta e participativa juntamente com o olhar/praticar de quem busca aprender, embasando-se nos conhecimentos práticos de alguém experiente ao executar determinada ação.

Analisando a expressão utilizada por um dos sujeitos – seu Ailson –, em sua narrativa, ‘aprendi isso só vendo as pessoas fazendo’, percebe-se que o aprender surge a partir de uma atividade que está ou vem sendo executada por alguém que tem experiência nesta ação e é observada atentamente por aquele que deseja aprendê-la.

A segunda categoria elencada “foi ele/ela que me ensinou” evidencia uma aprendizagem condicionada pelo ensino sistematizado, porém de maneira informal, demonstrado oralmente em consonância com a prática, como se faz determinada atividade a partir dos ensinamentos de alguém que já tem experiência neste saber, e assim consegue instruir outras pessoas que querem aprender este mesmo saber. Para exemplificar esta categoria, tomou-se por base a narrativa de D. Maria, ao descrever o processo utilizado para adquirir o saber de cortar seringa. Vejamos:

A gente pegava a machadinha e cortava a árvore de seringueira, fazia um risco de comprido nela e depois vários riscos de atravessado, fincava uma casca de uruá ou uma lata de conserva na seringueira para aparar o leite que escorria da árvore. Tinha que prender bem com barro amarelo para não cair. A gente risca num lugar, se não sair o leite, a gente corta outra parte da seringueira. A gente fazia isso em várias árvores, uma base de cem seringueiras a cada dia a gente cortava um tanto. Depois de uma semana, a gente ia fazer a retirada do salambi, que é o leite que caia nas latas, aí a gente fazia o processo de refinamento ou defumação desse leite pra poder vender. A gente ganhava muito dinheiro com isso porque era caro e vendia muito (Maria, em entrevista realizada no dia 08/07/2015).

A descrição deste processo de aprendizagem ‘o ato de cortar seringa’, narrado por D. Maria, sobre como aprendeu e como se faz o processo, pressupõe uma aprendizagem condicionada por um ensino sistematizado informalmente e, ao mesmo tempo, copiado mentalmente, tanto pela oralidade instrutiva, como pela prática da ação desenvolvida, por intermédio de uma pessoa experiente e remete a uma das explicações de Ingold (2015, p. 97), sobre três temas de grande importância para a compreensão adequada da habilidade técnica: “a qualidade processional do uso de ferramentas, a sinergia entre profissional, ferramenta e material, e a vinculação da percepção e da ação”, processos estes que nos levam ao conhecimento, referindo-se ao exemplo que ele utiliza ao serrar uma tábua.

Explica Ingold (2015) que a qualidade processional do uso de ferramentas perpassa por quatro fases de realização de um processo, a começar pela “preparação” que indica sobre uma tarefa a ser executada, “do que deve ser feito, de como fazê-lo, e das ferramentas e materiais necessários”, (p. 98), avaliando, decidindo e selecionando também quais materiais utilizar. Esta fase de realização aplica-se aos relatos de D. Maria ao descrever como se faz para extrair o látex da seringueira.



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

Após avaliar as situações, vem a fase de “início”, a qual, segundo Ingold (2015, p. 99), este “é um momento crítico na implementação de qualquer tarefa, quando a preparação dá lugar ao início. Este é o momento em que termina o ensaio e começa o desempenho”, ou seja, o planejável dá lugar ao executável. Diz o autor que a partir deste ponto em diante não há como voltar atrás.

Ao receber as instruções de sua avó, D. Maria agora tem a incumbência de iniciar a tarefa e aplicar o conhecimento na prática, conforme aprendeu por meio das orientações coordenadas de alguém já experiente, no caso, sua avó. Logo, o início relaciona-se à aplicabilidade do instrumento ao local de trabalho. Na fala de D. Maria: “a gente risca num lugar, se não sair o leite, a gente corta outra parte da seringueira”. Exemplificando assim, D. Maria já inicia esta tarefa demonstrando a importância do saber ‘copiado’ informalmente de uma experiência concreta.

Em seguida o início dá lugar à “continuação”, fase que pressupõe a inversão do ritmo. Nesta, Ingold (2015) faz uma analogia ao que acontece quando se parte com um barco a remo da praia, passando do movimento inicial, o qual causa estranheza ao impulsionar os remos para trás, à ação mais eficiente e confortável de puxá-lo considerando a profundidade suficiente de água para realizar tal ação. “Ao serrar, como ao remar, a partir deste momento parece que estou trabalhando *com* os instrumentos e materiais à minha disposição em vez de *contra* eles” (p. 100).

Por fim, continua até chegar à fase do ‘encerramento’. Ingold (2015) esclarece que nesta fase não há nenhum momento preciso em que a continuação termine e o encerramento comece. O que há é um ponto de inflexão a partir do qual o movimento é gradualmente retardado e sua amplitude diminui. Nesta última fase, embasada na teoria da Educação pela Atenção proposta por Ingold (2015), a qual diz que a redescoberta orientada é um copiar dirigido e que para ser concretizado perpassa pela criatividade improvisada, D. Maria destaca esses momentos quando diz que “as vezes eu colocava a latinha com barro mas ela caía, aí eu pregava um ferrinho na seringueira pra segurar a latinha, improvisava né” (D. Maria, em conversa informal. Diário de campo).

A terceira categoria de análise “foi um dom deixado por Deus” representa uma forma de aprendizagem adquirida com bases conceituais intrínsecas à crença do indivíduo por meio de uma divindade maior, como única forma de se explicar o fato de alguém ter aprendido algo, sem ter passado por um processo real e explicativo da aquisição de um conhecimento, como destaca este informante “Sei desenhar qualquer coisa e acho que isso foi uma instrução de Deus na minha vida” (João Neto, em entrevista escrita realizada no dia 04/01/2015).

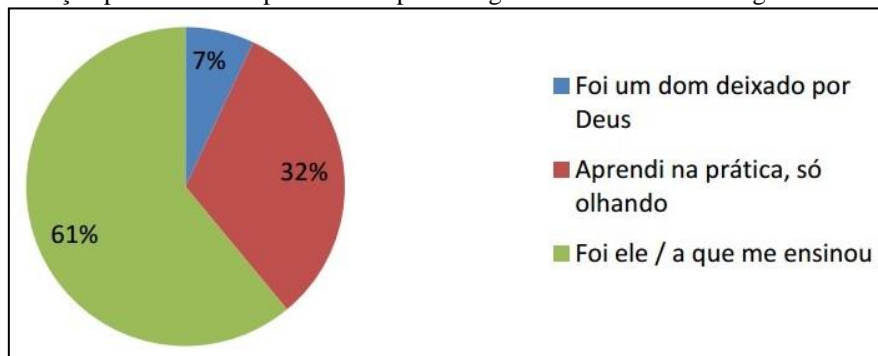
Partindo deste conceito, tem-se a compreensão de que esse tipo de aprendizagem se processa também através da crença religiosa, como diz (INGOLD 1994, p. 30), “o homem é um animal religioso. Ele é também um formulador de projetos e impõe esquemas simbólicos por ele mesmo elaborados ao mundo dos objetos inanimados”. Acrescenta-se ainda o ‘acreditar’ em um transcendentalismo presente na vida de alguns humanos, pois, há de se convir que não é toda pessoa que tem uma habilidade e facilidade para realizar uma tarefa a qual não lhe foi ensinada ou que acredita que este saber vem de representações potencializadas por divindades teocêntricas.

Os resultados apontam que entre as práticas de aprendizagem, ou seja, a forma como os saberes foram aprendidos por essas pessoas, a categoria “Foi ele/ela que me ensinou” destacou-se como a mais usual – ver gráfico 02 – na aquisição de um saber. A partir dessas constatações compreende-se que os saberes culturais estão desvinculados de fórmulas condicionadas a um saber pré existente, prestigiado ou considerado maior simplesmente porque se realiza no contexto escolar e embasado no cientificismo. Logo, existem várias formas de se adquirir determinados saberes e cada ser humano, dentro de suas capacidades e potencialidades desenvolve práticas de aprendizagem de forma diferenciada, pois, de acordo com Freire (2003), “Não há saber maior ou saber menor. Existem saberes diferentes”.



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

Gráfico 02: Representação percentual das práticas de aprendizagem relacionadas às categorias analisadas.



Fonte: elaboração própria, Outubro de 2016.

3. Conclusão

Este trabalho foi de grande relevância pela importância que representa, tanto no aspecto pessoal quanto profissional, pois as experiências e convivências na comunidade São Raimundo e o envolvimento com a temática e os sujeitos proporcionaram uma reflexão mais abrangente dessa realidade. Despertou o interesse acadêmico em discutir, valorizar, ampliar as lutas, as conquistas das pessoas com deficiência que pouco são vistas como fontes de pesquisa, e aponta para a interação social no sentido de trazer discussões a respeito dos saberes inerentes àqueles lugares e que ganham relevância no modo como as pessoas com deficiência se relacionam com o mundo.

Embora um saber, qualquer que seja o tipo, apresente-se como algo eminentemente individual em sua assimilação, já que cada pessoa tem seu jeito próprio de concebê-lo, não se pode negar o fato de que o ambiente culturalizado na pessoa também influencia diretamente na aquisição deste. Considerando que todos os informantes têm deficiências, e estas são variadas, algumas em grau mais leve, outras mais elevadas, foi possível perceber que, de fato, estas deficiências não interferem tanto na vida destes seres, quando existe a vontade de vencer e de ser uma pessoa produtiva socialmente. Em muitos casos, tudo depende também de oportunidades para mostrá-los.

4. Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo. [3ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.



IX FIPED

IX FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA 2017

III SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA

EDUCAÇÃO • RESISTÊNCIA • LIBERDADE

08 a 11 de novembro de 2017

Desafios pedagógicos de uma sociedade em transe

ABAETETUBA-PA



GT21- Juventude e Educação de Jovens e Adultos.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial:** a problemática ética da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.